



DIRECTOR: PAULO FERRO

SAI AS QUARTAS-FEIRAS

SEMANÁRIO

PREÇO: 50\$00

DA

NOTÍCIAS

DA PÓVOA DE VARZIM

PORTE
PAGO

Nos cem anos da Associação Comercial

NÃO MERECEM OS COMERCIANTES E AS SUAS ASSOCIAÇÕES SER OLHADOS NESTA HORA DE CRISE? — Pergunta o presidente da direcção, Sr. António Augusto Gomes Ferreira.

No dia 17 deste mês, sábado, no Casino da Póvoa de Varzim, efectuou-se um jantar comemorativo dos cem anos da fundação da Associação Comercial da Póvoa de Varzim.

Realmente foi no dia 13 de Abril de 1893 que a associação se fundou; e também agora no dia 13 de Abril de 1993 houve uma cerimónia alegre e simpática: durante a tarde desse dia, foram entregues flores aos comerciantes — 6 raparigas andaram, de estabelecimento em estabelecimento, a distribuir uma rosa.

No decorrer do ano de 1992-1993, realizaram-se outras cerimónias e actos culturais.

No dia 17, como dizemos, houve a festa conclusiva dos actos comemorativos: às 16 horas, romagem ao cemitério municipal com a deposição duma coroa de flores e uma placa no jazigo do que foi o primeiro presidente da direcção da Associação Comercial da Póvoa de Varzim, Dr. Caetano Marques de Oliveira; às 19 horas, na Igreja Matriz da cidade, uma missa solenizada a sufragar os sócios e dirigentes falecidos; às 20.30 horas, no Casino da Póvoa de Varzim, jantar-convívio comemorativo do

centésimo aniversário da fundação da Associação.

Espera-se, dentro de dias, a saída de um número especial do boletim da Associação com colaboração variada.

* * *

Na romagem ao cemitério, com a participação de algumas dezenas de pessoas,

(Continua na pág. 3)

MIGALHAS DE HISTÓRIA - 11

O Dr. Caetano, o Teatro Baquet e o escultor Lapa

Por M. AMORIM

Nem as limitações do tempo nem os conselhos pertinentes de Esculápio me permitiram estar presente no jantar comemorativo do 1.º Centenário da Associação Comercial.

Lamento-o, sinceramente, por variadas razões. Uma há que me deixou penalizado, a homenagem que aí se prestava a uma figura de poveiro exemplar,

planta que, hoje, não medra no impene-trável reino de sombras em que se transformou a nossa terra.

Não quero deixar de evocar, através de um episódio trágico, uma das facetas mais impressivas do Dr. Caetano Marques de Oliveira, personagem de grandes qualidades cívicas que marcou, profundamente, a sua época.

Na noite de 21 de Março de 1888, a cidade do Porto viveu horas de grande tragédia quando um pavoroso incêndio deflagrou no edifício do Teatro Baquet repleto de assistentes que aí foram homenagear o célebre actor Firmino. Entre eles, e suponho que o único poveiro, estava o Dr. Caetano Oliveira que, milagrosamente, escapou à morte. O fatídico acontecimento, que destruiu o Baquet e causou inúmeras vítimas, despertou em todo o país um movimento de solidariedade em favor das famílias atingidas pela desgraça. O Dr. Caetano, presença viva da catástrofe, fez dela um emocionante relato na imprensa da Póvoa e organizou a campanha de auxílio aos sinistrados. Socorreu-se, para o efeito, do jovem advogado Dr. Domingos Amorim, de há pouco feito Administrador

Manuel Vaz — Henrique Campos Cunha

EM TEMPO DE PÁScoa E DE ALELUIA, AS PAZES ESTÃO FEITAS

Demorou tempo, mas os últimos acontecimentos políticos fizeram que tal acontecesse. A mais conhecida dupla autárquica, da passada década, *reconciliou-se*.

Amigos comuns envolveram-se nesta operação de diálogo e muita simpatia e os objectivos foram conseguidos — esquecer as guerrilhas e os disparates do passado, e mãos à obra que o adversário é comum.

Pelo caminho ficaram as zangas, os ciúmes e os excessos.

Manuel Vaz e Henrique Campos Cunha, aí estão em lua-de-mel, a prometer noticiário, nos próximos tempos.

A. S.

(Continua na pág. 3)

Nos cem anos da Associação Comercial

(Continuação da pág. 1)

É na voragem do tempo que tudo passa e tudo se consome, menos o espírito de sacrifício, dedicação e inteligência; menos a obra realizada que fica a perpetuar o Homem para além da própria vida.

Exemplos tão raros nos dias de hoje, que se transformam em gotas de água e lágrimas de saudade a orvalhar as nossas humedecidas faces pelo exemplo legado.

Necessariamente que foi preciso sentir a vida dos comerciantes da nossa terra para fundar uma Associação Comercial.

Esta Associação foi criada não só para a defesa dos seus interesses como também para salvaguardar o bom nome da nossa terra, assim se diz nos estatutos.

E, ao pensar que foi um médico, cheio de coragem, esquecendo-se concerteza de si próprio, a criar esta instituição, mais deixa reflectir através dela o amor à sua Póvoa do Mar.

Do mar que todos os dias lhe batia à porta;

Do mar que deixava voar a sua espuma branca encostando à sua porta de casa como nuvens de sonho a tornarem-se realidade. Essas nuvens brancas são o desfiar do tanto que trabalhou por esta terra.

E foram tantos os sonhos.

O sonho de então. O porto de pesca.

Como presidente da Câmara rasgou a Avenida Mouzinho de Albuquerque e mandou retirar os varais do Passeio Alegre, embelezando-o.

Foi Director Clínico do M. Hospital e Presidente do Instituto de Socorros a Naufragos.

Tornar a Póvoa cada vez maior a terra que tanto estremeceu.

Esta lápide que aqui vamos deixar como testemunho da nossa gratidão, as flores, que vamos depôr, são o reflexo do quanto sentimos este momento.

E por tudo isto, D. Maria de Lourdes Teixeira da Mota e Prof. Doutor José Manuel Soares de Oliveira, netos de tão Ilustre Poveiro, a vossa presença aqui, manifesta e torna mais viva a nossa sincera homenagem.

Que Deus lhe dê o Eterno Descanso.»

Depois destas palavras, o Prof. Dr. José Manuel Soares de Oliveira, neto do homenageado, agradeceu esta memória ao seu antepassado e prometeu palavras mais extensas para a altura do jantar.

* * *

O jantar-convívio decorreu com o ambiente próprio duma instituição que comemora cem anos de vida ao serviço dos seus associados, comerciantes, e da sua Terra — a Póvoa de Varzim. Um membro do Governo, Secretário de Estado do Comércio, um representante da Federação do Comércio, do presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, presidente da Assembleia Municipal da Póvoa de Varzim, presidente da Junta de Freguesia da Póvoa de Varzim, outras autoridades civis e militares, convidados e muitos associados enchiam o grande

Salão Nobre do Casino da Póvoa de Varzim.

E houve discursos, breves e a agradar aos presentes. Falou o presidente da direcção a abrir; e logo o representante da Federação do Comércio; o neto do Dr. Caetano Marques de Oliveira; o presidente da Assembleia Municipal; o presidente da Câmara Municipal; o Sr. Secretário de Estado e encerrou o presidente da Assembleia Geral da Associação Comercial da Póvoa de Varzim, Sr. Vicente Sampaio.

Destas intervenções salientamos a do Sr. António Augusto, presidente da direcção da Associação Comercial que afirmou:

«Porque o dever do cargo o impõe, começo por usar a palavra para agradecer a Vossas Ex.as Senhor Secretário de Estado, representante da Federação do Comércio, a honra concedida pela vossa presença neste jantar comemorativo do encerramento do nosso Centenário. E a V. Ex.ª Sr. Presidente da Câmara, que se dignou com a sua presença manifestar a compreensão por 100 anos vividos.

E, ao evocar esta efeméride com calor, emoção e dignidade que se justifica, penso que também devo salientar a honrosa presença dos netos do nosso primeiro presidente, Dr. Caetano Marques de Oliveira, ilustre médico e poveiro, que juntamente com António Gonçalves Linhares, J. Martins da Costa, José Avelino Costa Faria, e tantos outros, fundaram esta Associação Comercial. Mas a presença neste jantar da Ex.ª Senhora D. Maria de Lourdes Teixeira da Mota e do Professor Dr. José Manuel Caetano Marques de Oliveira, dignifica e torna mais viva toda a nossa gratidão pela saudade e alegria que sentimos.

Saudade por todo um passado que revela o amor à terra que os viu nascer.

Alegria por lhes podermos transmitir que a Associação Comercial da Póvoa está viva e continua a lutar pela defesa dos Comerciantes e salvaguardar o bom nome da nossa Terra, como rezam os nossos estatutos.

Mas, por vezes, as incompreensões levam-nos a pensar se vale a pena continuar a lutar pela defesa dos comerciantes

e a salvaguardar o bom nome desta nossa Póvoa do Mar. Mar que no horizonte se cola ao Céu para fazer cantar ou para fazer chorar, para encantar ou para meditar.

Senhor Secretário de Estado, senhor representante da Federação do Comércio: o comércio atravessa uma grave crise o que concerteza não vos é desconhecido. As Associações, como a nossa, nada podem para a debelar.

Penso que só com meios estatais e autárquicos poderemos ultrapassar esta situação gravosa. Os meios para o fazer terão de imanar da vontade e querer destes dois órgãos.

Só assim, poderemos continuar a lutar por um comércio melhor.

Não será o comércio o maior factor do engrandecimento de uma terra?

Não merecerão os comerciantes e as suas Associações ser olhados nesta hora de crise?

Penso que sim, e porque assim penso, deponho nas vossas mãos o interesse justo que vos merecer.

Mas hoje é o dia de comemorarmos o nosso centenário.

Volvidos 100 anos, aqui nos encontramos e congratulamo-nos pela vossa presença, pelo entusiasmo que nos viestes dar e pelo estímulo que guardaremos nos nossos corações.

Não posso deixar de agradecer neste momento à imprensa, rádios e televisão a vossa digna presença.»

* * *

A estas palavras, no seu discurso, o presidente da Câmara Municipal, Manuel Vaz, respondeu que, por vezes, os interesses ou discursos da Associação Comercial e desta Câmara Municipal pareceram não coincidir; o diálogo nem sempre foi claro mas a Câmara Municipal sente os problemas dos comerciantes poveiros.

Nas palavras de encerramento, o Sr. Vicente Sampaio, presidente da Assembleia Geral da Associação Comercial, agradeceu a presença de todos, pediu o diálogo aberto que, por vezes, ultimamente, tem sido negado pela autarquia e chamou também a atenção e compreensão para os graves problemas que a classe dos comerciantes atravessa.

P. F.

Migalhos de História - 11

(Continuação da pág. 1)

do Concelho, e a campanha resultou em pleno, ultrapassando o conto de réis.

Toda a gente concordou com o empenhamento da Comissão e, por isso, tomou foros de escândalo uma carta datada de Vila Nova de Gaia subscrita pelo escultor-santeiro João d'Afonseca Lapa. Se por um lado, manifestava a sua consternação pela tragédia do Porto; por outro, questionava os movimentos de solidariedade que ela originou e a forma como o dinheiro ia ser aplicado.

Parecia-lhe mais eficaz destiná-lo à construção de Orfanatos, Albergues para os idosos, etc. Recordava, com mordaz ironia, os contínuos naufrágios da nossa

enseada e o grande número de viúvas e órfãos existentes na comunidade piscatória para os quais ainda nada havia sido feito. Concluía com um princípio de moral, de fácil aceitação, mas de discutível interpretação, que diz «A Caridade bem ordenada começa por nós mesmos». O Dr. Caetano deu ao descaso a impertinente intervenção do Sr. Lapa. Toda a Póvoa o conhecia como grande apóstolo da organização das classes trabalhadoras, inclusivé, da constituição da «Marítima» a primeira instituição laica destinada a prestar assistência aos pescadores. De resto, o Dr. Caetano não se limitou a doutrinar, e dentro da melhor filosofia social, mas soube passar à acção, como o atesta a efeméride celebrativa que, agora, chegou ao seu termo.